

## A filosofia hebraica de Franz Rosenzweig

Maria Cristina Mariante Guarnieri (\*)

### Resumo:

Franz Rosenzweig (1886-1929) é considerado por muitos autores como um grande expoente do pensamento judaico. Iniciou seus estudos em medicina, mas aos vinte anos assume seu interesse por história e pela filosofia e, em 1908, inicia a sua tese de doutorado sobre a filosofia de Hegel. Paralelamente às pesquisas sobre Hegel, Rosenzweig experimenta a possibilidade de converter-se ao cristianismo, mas descobre nessa busca que essa conversão não era mais necessária. Começa a seguir os cursos de Hermann Cohen com o intuito de redescobrir o significado das raízes judaicas. Este é o início de sua reflexão sobre a questão teológica: um “novo pensamento” que possui como categoria fundamental a Revelação. Rosenzweig utiliza o judaísmo como método, o que faz dele um pensador religioso; seu pensar sobre o problema teológico busca, conceitualmente, uma direção menos dependente da Grécia. Nossa intenção nesse ensaio é tratar do encontro entre filosofia e teologia no pensamento de Franz Rosenzweig e seus desdobramentos na questão do conhecimento.



(\*) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP

### Palavras chave:

Filosofia, Teologia, Conhecimento, Diálogo, Franz Rosenzweig

*O Judaísmo é meu método,  
não meu objeto.*  
Franz Rosenzweig

Diante de sua própria experiência como judeu, historiador, e intelectual que se encontrava no debate com o racionalismo do início do século XX, Rosenzweig estabelece uma forte crítica à modernidade, enfatiza a importância da linguagem e do diálogo, que acontece na situação concreta, que é limitada pelo tempo e pelo espaço. Leora Batnitzky (2011) analisa a complexa relação do judaísmo com questões modernas que nos trouxeram os termos de nação, cultura e religião. Ao se perguntar sobre como teria sido a trajetória do judaísmo para se tornar uma religião, Batnitzky analisa as diversas tensões conceituais presentes nesse processo. Para autora, Martin Buber e Rosenzweig são responsáveis pela ênfase ao retorno à uma vida autêntica que foi bloqueada pela modernidade. “Experiência, e não racionalidade, eles argumentam [Buber e Rosenzweig], é a base da vida judaica.” (Batnitzky, 2011, p.73)

O que estamos chamando de filosofia hebraica em Rosenzweig é o que faz dele um pensador religioso, isto é, ao afirmar utilizar o judaísmo como método, o pensamento do autor sobre o problema teológico está buscando, conceitualmente, uma direção menos dependente da Grécia. Nossa intenção nesse texto é tratar do encontro entre filosofia e teologia no pensamento de Franz Rosenzweig e seus desdobramentos na questão do conhecimento.

### **O judaísmo como experiência**

O renascimento do pensamento judaico no séc. XX, que está intimamente ligado com a emancipação política dos judeus a partir do Iluminismo na Europa, trouxe como resultado prático a submissão de muitos judeus a assimilação cultural e a integração social. Sem dúvida, uma ruptura com as próprias raízes, vivida por Rosenzweig como uma crise, que criará uma tensão significativa em seu trabalho intelectual.

A conversão ao cristianismo era o caminho natural no processo de assimilação e Rosenzweig, tal como os fundadores da fé cristã, decidiu trabalhar nessa conversão buscando um conhecimento maior sobre o próprio judaísmo. Rosenzweig passou a freqüentar os serviços sinagogais que o levaram a uma intensa experiência, vivida solitariamente, no *Yom Kippur* de 1913. A decisão de não mais se converter, tomada após essa experiência, é relatada em uma carta para seu primo Rudolf Ehenberg, onde ele conclui que havia se tornado impossível a conversão e que permaneceria judeu.

Em carta a Friedrich Meineck<sup>1</sup> e ele relata um pouco dessa sua experiência:

Em 1913, ocorreu-me algo, quando tenho de falar a respeito, indico com o termo “desmoronamento”. Achei-me de repente num campo em ruínas, ou melhor, dei-me conta de que o caminho percorrido até então levava à irrealdade. Era justamente o caminho que me indicava *apenas* o meu talento, ou talvez os meus talentos. Experimentei, assim, a falta de sentido de um tal

---

<sup>1</sup>Friedrich Meinecke foi orientador de Rosenzweig e seu trabalho sobre o desenvolvimento da ideia de nacionalismo na Alemanha desde o século XIII, serviu de inspiração para o doutoramento de Rosenzweig, cujo título é *Hegel und der Staat*, apresentada em 1912 e publicada em 1921.

império dos meus talentos, aos quais eu passivamente me submetia. Tinha horror de mim mesmo [...] Recordo como sendo sinistra a minha insaciável fome de formas, uma fome sem objetivo nem significado, impulsionada unicamente por si mesma. O estudo da história teria servido apenas para aplacar a minha fome de formas, e nada mais. Entre os fragmentos dos meus talentos, comecei a procurar a mim mesmo, entre a multiplicidade das coisas, o Uno. Cheguei, assim, [...] a descer aos subterrâneos de minha existência, aproximando-me do antigo cofre do tesouro de minha vida, de que nunca me esquecera [...] finalmente o encontrara, um tesouro de minha posse pessoal, uma coisa herdada, não tomada emprestada. Ganhando, ganhara algo de inteiramente novo, ou seja, o direito de viver e de até ter talentos; agora era eu que tinha talentos, não eles que me tinham.(ROSENZWEIG *apud* Emilio BACCARINI, in PENZO; GIBELLINI, 2002, p.276)

A experiência que reafirma o judaísmo de Rosenzweig é sentida como um desmoronamento, algo impactante que inverte sua compreensão da realidade, O pensador inquieta-se com a possibilidade de ser definido como um objeto – talento – e descobre que sua fome insaciável de formas apenas reclamava o desejo de ser. É a busca de si próprio, que se dá entre e a partir dos fragmentos que restou da sua ilusão de ser; é a presença da própria angústia em sua máxima atividade, expressão afetiva que se transformará em tensão intelectual claramente observada em seu “novo pensamento”<sup>2</sup>.(Cf. GUARNIERI, 2011,pp.90-8)

Ao decidir permanecer judeu, o exercício de filosofar exigia um outro modo de pensar, uma nova forma de conceber a realidade: a nova filosofia implicaria em um pensamento contaminado pela realidade. Esse “novo pensamento” marca um distanciamento do pensamento a partir de categorias de essência, algo próprio do pensamento grego e como historicamente se deu a evolução da abordagem do real. Como essência, ele se refere ao conceito que, como um universal, abarca todo o particular. E conclui que três elementos escapam à essa abordagem: Deus, Mundo e Homem são conceitualmente pouco acessíveis ao nosso conhecimento. A única possibilidade de sabermos um pouco mais desses três elementos é a partir da própria experiência.

### **A angústia da morte como fim das ilusões**

Justamente para garantir o movimento da vida, Rosenzweig terá na reflexão sobre a morte o aparelho crítico necessário para a tentação da razão. É na constatação de que todo mortal vive a angústia da morte e que grande parte da filosofia se constrói a partir da negação das angústias do terreno, que o pensador apontará a necessidade da filosofia de integrar a morte em um sistema especulativo. Uma tentação que será inevitavelmente vencida pela própria experiência concreta, que inviabiliza a racionalização da morte em um sistema de pensamento.

<sup>2</sup>*O novo pensamento –Das neue Denken –* é também título de um pequeno livro de 1925, escrito como prefácio a posteriori à Estrela da Redenção, esta publicada em 1921. *O novo pensamento* é a denominação dada ao seu método filosófico que descreve o sistema de correlações que o “senso comum” experimenta na concretude da existência.

A auto-suficiência da razão constrói um sistema da totalidade; o novo pensamento constrói um sistema de correlações que o “senso comum” experimenta na concretude da existência. “O sentido comum saudável é a fé na vida tal como esta é no dia a dia, em seu aspecto mais comum e, sobretudo, precisamente como é limitada pelo nascimento e a morte.” (Rosenzweig, 1997, p.17)

Rosenzweig entende a “metafísica” como uma forma exagerada da doença a que todos estamos sujeitos e, seguindo essa ideia, analisa a história da filosofia e nos mostra que toda vez que se buscou responder questões sobre o ser, isso foi feito por meio de uma redução da complexidade real a um único elemento que, então, se tornou o fundamento último. Assim, a filosofia antiga reduz Deus e o homem ao mundo, o que resulta em uma perspectiva cosmológica; a Idade Média reduz o homem e o mundo a Deus, perspectiva teológica; e a Idade Moderna tem reduzido Deus e o mundo ao homem, o que nos coloca em uma perspectiva antropológica.

O confronto entre pensamento e realidade, presente em toda obra do autor, torna-se o tema central de um pequeno livro – e por esse motivo conhecido como o *Livrinho* - intitulado *Das Büchlein vom gesunden und kraken Menschenverstand - O Livrinho da saúde e da doença do senso comum, ou entendimento humano*, escrito em 1922. Essa obra é resultado de seminários que Rosenzweig conduziu na *Freies Jüdischen Lehrhaus* (Casa livre de estudos judaicos)<sup>3</sup> e sua redação foi pensada para um círculo pequeno de leitores, mais interessados no conteúdo de seus pensamentos que explicitavam de forma clara e direta a primeira parte da *Estrela da Redenção*, sua obra principal, publicada em 1921.

### O filósofo paralisado

No *Livrinho*, o autor utiliza a doença e a saúde como metáfora para nos contar, ironicamente, a história de um filósofo que adoece e é atacado pela paralisia da razão, pois descobre a impossibilidade de definir o “ser em si” das coisas. O filósofo enfermo, ao qual Rosenzweig se refere, busca saber, por exemplo, a essência de um pedaço de queijo e desenvolve uma série de argumentos sobre o tema até perceber-se paralisado: partindo do relato do ataque, passa pelo diagnóstico e finaliza com uma surpreendente proposta terapêutica que pretende devolver o funcionamento normal da razão, isto é, uma razão que, saudável, não pode negar a sua condição finita.

No início do livro, ao descrever o ataque que sofre o filósofo, o autor aponta – e reconhece – a capacidade humana de assombrar-se diante da vida. Essa capacidade o levará a ideia de *Menschenverstands*<sup>4</sup> que nos remeterá a condição de um pensamento que está ligado ao tempo, que se deixa engolir pelo fluir da vida.

O seguir vivendo acaba por dissolver a rigidez do assombro. Já o filósofo não pode esperar, ele não permite que o assombro se dissolva na vida. Ele retira o que assombra do fluir da vida e “pára para pensar”[ *Er denkt nach*] sobre o tema que é *sujeito* quando o assombro está entregue ao fluir da vida, tornan-

<sup>3</sup>Fundada pelo próprio Rosenzweig em 1920, em Frankfurt, e logo se converte no centro intelectual do judaísmo alemão. Foram professores da casa Martin Buber, Scholem, Fromm. Ver o discurso de abertura feito por Rosenzweig na abertura da Casa. (Cf. ROSENZWEIG in GLATZER, 1969, p.573-79).

<sup>4</sup>*Menschenverstands* pode ser traduzido como senso comum, bom senso, inteligência humana, entendimento humano.

do-se objeto quando retirado dela: torna-se objeto do pensar. (GUARNIERI, 2011, p113)

O filósofo, portanto, não permite que o assombro seja dissolvido no movimento da vida; ele o retira do fluir da vida e se detém em estado de paralisação. O filósofo transforma o assombro em objeto (o que antes pertencia ao fluir da vida, agora tem uma imagem estática) e se pergunta pela essência; desta pergunta emerge o conceito.

Filosofar torna-se, então, a doença e o filósofo, o doente. E este doente recusa a perceber que as coisas não têm “em si”. E mais, recusa a perceber que tudo, incluindo ele próprio, está mergulhado no fluir da vida e que esta é finita. Constatar este movimento da existência é perceber-se caminhando com a angústia. (GUARNIERI, 2011, p.114)

O termo angústia é utilizado por nós no sentido kierkgaardiano: angústia que se origina na percepção do limite, que marca inexoravelmente a vida humana. A angústia é ao mesmo tempo um sentimento diante da existência como limite, mas é também produtora de movimento, dado que ela indica a infinita possibilidade de ser, algo que impele o ser humano, através de suas escolhas, se tornar si-mesmo. (Cf. Kierkegaard *s/d*) Porém, a angústia que Rosenzweig aponta na conclusão do *Livrinho* é uma angústia não mais do processo de escolha, mas do passo que foi dado, da escolha que já foi feita. Esta pequena diferença no trato com a questão da angústia indica uma diferença fundamental entre as duas tradições – judaísmo e cristianismo – que não poderá ser aprofundada aqui.

Mas quando se considera o judaísmo, a partir da constatação filosófica de que Deus faz o que quer, não há questões de bem ou mal, a eleição é o dado mais importante, seguir a lei garante não só o bom relacionamento com Deus, mas intermedia a relação entre *physis* e *techné*. O nome de Deus, que não se deve nem pronunciar, aponta para definição daquilo que é: “Aquele que sempre foi” ou “que sempre será”, “Aquele que sabe ser e se revela”, o criador que é, indica que nós, não somos. Portanto, ele cria do nada, o que aponta o Abismo como a realidade de onde fomos tirados e, nesse sentido, dependente desse ser supremo. Para nós resta a obediência, reverência, e não há porque nos angustiar. Porém, Rosenzweig lembra que observar as leis é um meio de atender o chamado que Deus faz à seu povo, mas que mesmo assim, há espaço para angústia, como já citei acima. A vida flui do nascimento até a morte. E nesse movimento, cada passo vai acompanhado pela angústia; a angústia que se torna decepção, e a decepção que se torna cansaço. (Cf. ROSENZWEIG, 1992, pp.114-5) Assim percebemos o nosso próprio vazio ontológico e não há como recuperar o movimento da vida sem enfrentarmos nossa condição de angustia.

### Método judaico

Como podemos observar, para o autor, a busca do conhecimento não se faz sem angústia e isso está intimamente ligado a sua afirmação do uso do judaísmo como método. A atividade cognitiva, para Rosenzweig, não possui uma forma estática, mas é um processo contínuo que se dá através do diálogo. Diálogo este que passa a ser o lugar da ação, pois falar está ligado ao tempo e requer que o outro – concretamente – escute e se manifeste sem que você saiba de seu pensamento; na realidade, sem que se saiba como ocorrerá o encontro, e é nesta tensão que se entende que o pensamento deve fluir, sem que se saiba onde irá parar. Homem, mundo e Deus participam neste diálogo e, desta forma, constituem a realidade. Contingência e tempo são as marcas dessa realidade que no pensamento de Rosenzweig desdobrar-se-á em um curioso pragmatismo sustentado pela presença de Deus.

A própria linguagem – o hebraico – aponta o fluxo do pensamento. Marcelo Dascal, a partir de seus estudos na filosofia da linguagem e de seu interesse na questão das controvérsias, descobrirá o *Talmud*<sup>5</sup>. E não só, pois observará, através de suas pesquisas, a importância do debate para o desenvolvimento do pensamento, algo básico no judaísmo, mas que ele diz encontrar em outras tradições. Em entrevista Dascal comenta que o

*Talmud* é o primeiro texto sagrado em que se conserva não só a opinião da maioria que vence, mas também a da minoria. Isso é o reconhecimento, representado pelo “Deus vivo”, de que o saber e a verdade estão continuamente em construção em um trabalho dialético-cooperativo de todos, que é o grande empreendimento criativo da humanidade. Para esse empreendimento, você tem que preservar todos os fragmentos de verdade, inclusive aqueles que são a minoria naquele momento. (DASCAL, 2009, p.103)

A lei é estabelecida pela Torá, mas sua interpretação fomenta uma série de discussões que buscam a compreensão dessa lei. Uma (re)criação da própria lei que implica em uma constante e inevitável busca da verdade; um construção e desconstrução de conhecimento ao qual somos impelidos na medida em que buscamos compreender a realidade. Buscamos uma normalização cognitiva, usando a própria linguagem para tal feito, mas sofremos com uma dissonância cognitiva (Cf. SMITH, 2002, p.14) que, se soubermos aproveitar, poderá nos lançar no fluxo do movimento do conhecimento.

A angústia que esse movimento inevitável da vida nos apresenta é a nossa insuficiência na busca de apreender a verdade sobre o real. Angústia que, na questão do conhecimento, se apresenta como tensão intelectual e cognitiva do pensador (Cf. GUARNIERI, 2011) e é experimentada por Rosenzweig na própria dificuldade em conhecer Deus, mundo e homem. Diante dessa constatação, o filósofo judeu afirmará que esse conhecimento só é possível na correlação desses elementos e, portanto, só poderá se dar na pragmática da vida, no embate do sujeito que fala e é ouvido por outro, que o indagará nessa escuta. Incluindo a relação Deus e ser humano, que diferentemente de Buber, terá no mandamento, isto é, na

---

<sup>5</sup>*Talmud* é o registro das discussões rabínicas que pertencem à lei, à ética, aos costumes e à história do judaísmo. Compreende a *Mishná*, que constitui o primeiro compêndio da Lei Oral judaica, e o *Guemará*, que forma a base dos códigos da lei rabínica, contendo discussões da *Mishná* e dos escritos dos tanaítas - mestres, educadores ou transmissores da tradição.



resposta ao mandamento a garantia do diálogo Deus e ser humano. As discussões do Talmude são apenas uma amostra do exercício necessário na busca de compreender o mandamento divino.

A tensão está posta no judaísmo desde as primeiras discussões. Onde estaria a supremacia do judaísmo, em *agadá* (parte lendária, espiritualidade) ou *halachá* (parte da lei)? Nos hinos e Salmos ou na *Torá*? Um outro pensador judeu, Abraham J. Heschel (2006), parte da análise das duas escolas, a de Rabi Akiva e Rabi Ishmael, para observar que é na tensão entre elas que se constrói, por exemplo, a exegese da *Torá*. Haveria, então, uma dialética entre oposições, sem que nenhuma delas seja menos importante. Nas diferentes abordagens, rabi Akiva é como uma relação mística com o divino, e em rabi Ishmael há uma perspectiva racionalista. O próprio Heschel nos fala: “A consciência e a vida judaica só podem ser compreendidos em termos de um padrão dialético que contenha propriedades opostas ou contrastantes.” (2006, p.163) No coração do judaísmo já encontramos a polaridade: de ideia e acontecimentos; do *mitsvá* (mandamentos bíblicos) e do pecado; do *kavaná* (intenções) e das ações; da *halachá* e da *agadá*; da fidelidade e da espontaneidade; da uniformidade e da individualidade; da lei e da espiritualidade; do amor e do temor; da compreensão e da obediência; da alegria e da disciplina; do impulso do bem e do mal; do tempo e da eternidade; deste mundo e do mundo que virá; da revelação e da reação; do discernimento e da informação; da empatia e da auto-expressão; da crença e da fé; da palavra e do que está além da palavra; é, como diria, Heschel, da busca do homem por Deus e de Deus em busca do homem.

### **Revelação como categoria**

O “novo pensamento” não só se utiliza do judaísmo como método, como afirma o próprio Rosenzweig, mas tem como categoria fundamental a Revelação. E, para tratar dessa categoria, precisamos abordar um pouco mais a ideia de milagre para o autor.

O milagre visto como prova da verdade revelada, é importante, para Rosenzweig, tanto para a antiguidade pagã quanto para a antiguidade cristã. O milagre como sinal é um segundo ponto que será analisado pelo pensador, pois, no seu entender, esse milagre ultrapassa a visão que poderíamos entender como mágico-pagã. O milagre com sinal emerge da revelação bíblica e tem a função de sinalizar, de mostrar um poder extraordinário. Nele encontramos a profecia do milagre e a realização desse. Sendo que a profecia aqui é que diferencia esse estágio, pois o profeta, segundo o próprio Rosenzweig, apresenta aquilo que está sendo sinalizado por Deus, o que implica em uma ação da Providência.

Outra discussão apresentada pelo autor é a relação do milagre e da natureza, pois esse em geral é visto como um desvio das leis da natureza. Rosenzweig fará um esforço para apontar, tal como Agostinho, que o milagre possui um caráter misterioso, que nos revela que há um espaço na natureza que só é conhecido por Deus. Mas não podemos deixar de observar que a própria noção de natureza no judaísmo também pode ser discutida.

Tomemos a narrativa de Jó como ilustração. Sabemos, resumidamente, que Jó perdeu tudo, inclusive o sentido da própria vida. Seu sofrimento vai até o desejo de morrer e nada lhe serviria de consolo, só ver Deus face a face, para entender o porquê ele estava sofrendo. Mas o grande aprendizado de Jó é que Deus não está submetido a nenhuma categoria humana, isto é, não pode ser transformados em conceitos:

“Mas Ele decide; quem poderá dissuadi-lo?  
Tudo que Ele quer, Ele o faz.  
Executará a sentença a meu respeito  
Como tantos outros de seus decretos.  
Por isso fico aterrorizado em sua presença,  
Sinto medo só em pensar;  
Porque Deus me tem intimidado,  
Me tem aterrorizado o Todo-poderoso!” (23,13-16)

Toda a narrativa é apresentada como a expressão da vontade de Deus. Jó nos mostra que o homem não tem direito de ir contra Sua vontade; é Ele o criador e aquele que sustenta o mundo. Tudo só existe porque Deus quer. Natureza, portanto, é hábito, costume, do que é convencionalmente acertado e sustentado pela tradição. Para o judaísmo não há o conceito de natureza; o que se chama de natureza é a dependência contínua do criador.(Cf. SALDARINI e KANOFISKY, in NEVILLE, 2001, p.101-104) Portanto, a ideia de autonomia do ser humano, assim como da razão e do conhecimento, é ilusória. E, nesse sentido, a angústia filosófica não teria sentido, apenas indicaria a necessidade da fé. A fé não precisa do pensamento do ser.

O fato de existir uma natureza é o que possibilitaria pensar em um conhecimento objetivo das coisas. Mas, ao admitir a não autonomia de nada, dado que não há conceito de natureza, estaremos nos referindo a ideia de que a permanência do que existe só é possível porque Deus quer.

O milagre é sinal, revela a misteriosa presença divina, mas também pede um reconhecimento histórico que será dado pelo testemunho. Pelo testemunho que vemos através dos indícios e provas de um milagre, pelo testemunho daqueles que viram o acontecimento, mas também pelo martírio, o que para Rosenzweig é o testemunho autêntico, geralmente dado por aqueles que defendem a sua fé no milagre com o próprio sangue. Mas toda essa fenomenologia busca recuperar no texto o que ele entende como milagre central: a revelação: o milagre por excelência é o próprio evento da revelação. A revelação compreendida, poderíamos dizer, de duas formas: na relação entre Deus, mundo e ser humano, como também na relação de amor entre Deus e ser humano. É a revelação que estabelece o diálogo Deus e ser humano.

Para Rosenzweig tudo isso é passível de ser experimentado a partir do que poderíamos chamar de presentidade, isto é, não podemos descrever a criação-revelação-



redenção como um processo já acontecido, visto como algo externo e objetivo, mas sim de uma experiência vivida como ocorrência histórica-existencial que nos afeta no presente.

### **A Estrela: teologia e filosofia**

Em sua obra maior *A estrela da Redenção* encontramos a expressão da tensão vital entre o nada e o ser. Para o autor, o nada não é irreal, ele é impensável. A morte estabelece uma relação entre o pensar e o real na qual o real vem antes do pensar: não há identificação entre ser e pensar, fundamento de toda a totalidade pensada e expressão do que ele denomina de “velha filosofia”.

Na *Estrela da Redenção* o conceito de verdade, segundo Rosenzweig, não garante nem preserva a realidade. Mas, ao contrário, é a realidade que garante e preserva a verdade. “De Deus não sabemos nada. Porém este não saber é não saber de Deus. Como tal, é o princípio do nosso saber Dele. O princípio, não o final.” (ROSENZWEIG, 1997, p.63) Para o autor, partimos do nada. Diante do nada, duas vias se apresentam: a do *sim* e a do *não*. Deus é ato, e o ato rompe o nada. É a criação, o sim, a ação que se abre na perspectiva do acontecer. Ao perguntarmos pela essência, nos perguntamos pela origem; a propósito do ato, por seu princípio. A vida da negação – o nada – o não é a resposta. E, neste caso, não pode ser o começo, pois indica algo – “algo fica morador do nada”. Esse algo, dessa forma, também é uma essência. Já a via afirmativa, o não nada, indica o sim como resposta e, portanto, abre possibilidade. O sim é o princípio, um algo que se tornou fugitivo do nada através da própria liberdade: é o ato. O nada, então, não é determinado, mas fonte de determinação, o ponto de partida do pensamento sobre Deus, é o lugar do estabelecimento do problema.

Na *Estrela* os três elementos Deus, homem e mundo constituem os três vértices de um triângulo. Entre os três há uma unidade superior – que não é a unidade de Deus – e é justamente neste ponto que podemos observar a contribuição do “método judaico de pensar” do autor. Os elementos se correlacionam determinando o primeiro triângulo, mas eles só são nessa correlação. E o imediato, as vias através das quais se conectam esses elementos da tríade do primeiro triângulo e se expressam formando um segundo triângulo inverso são: a criação, a revelação e a redenção. Ambos compõem A Estrela da Redenção, a estrela de Davi, onde no centro está o fogo eterno – o judaísmo – e os raios são a vida eterna – o cristianismo. A estrela remete, então, a uma nova totalidade que expressa a verdade; uma “nova verdade” cujo interno se manifesta em suas partes que permanecem identidades separadas.

É no movimento da relação de um e outro, e deles se reconhecerem um por referência do outro, que observaremos a construção do conhecimento no encontro e na separação em cada instante. Judaísmo e cristianismo vistos nessa correlação, para além da definição de um povo eleito e daqueles que são salvos, não exclui um ao outro, como mostra Rosenzweig, mas ambos estão comprometidos com a necessidade de ser o testemunho vivo do reino de Deus. A vida dos judeus seria, então, determinada pelo falar com Deus, e nos cristãos, a ideia de caminho remeteria a missão de disseminar-se sempre mais a palavra de Deus. O ser humano

tem como tarefa falar de Deus e isso precisará ser dito sempre de novo. Se é preciso sempre falar, é preciso falar para alguém e é falado no tempo. Em cada instante a verdade, então, se manifesta, é revelada, e precisa do outro como testemunho, como aquele que se compromete a dizer de novo, a ensinar de novo, a debater, a se deixar traduzir de forma sempre nova, justamente pela significação infinita da verdade, que implica sempre em um inesgotável conhecimento.

Para ser verdade cristianismo precisa do judaísmo. Não há como falar do reino de Deus senão mediante a revelação do amor de Deus e essa confissão é judaica e cristã, mas também há a uma diferenciação entre aquele que espera o messias e aquele que parte do salvador. Deus como aquele que salva só pode ser reconhecido como Aquele que não quebra a promessa. Dessa forma, não há como ser cristão sem reconhecer o ser judeu, pois só na tensão desses dois caminhos é que a fé se edifica e a razão se amplifica e isso só será possível no diálogo. A Estrela intui desde o princípio a facticidade e a multiplicidade do real, não é de se admirar que Rosenzweig veja na estrela da redenção – a estrela de Davi- a metáfora do fogo-judaísmo e irradiação - cristianismo.

Criação, revelação e redenção é o imediato traduzido das relações entre Deus mundo e ser humano, é na alteridade que o sentido da ação e do pensamento pode ser legitimado. O amor ao próximo nasce do amor de Deus e da consciência de ser criatura e objeto desse amor de Deus; é esse amor de Deus que sustentará qualquer obra de amor e proverá o ser humano da possibilidade de redenção. A fé como amor de Deus é a forma como se experimenta Deus. Por revelação, Rosenzweig entendia uma orientação, que dá sentido e permanência a fé. É na revelação que a linguagem desperta e é através dela que o homem realiza a cada instante o milagre da renovação. Já a palavra de Deus é revelação porque é ao mesmo tempo criação. Rosenzweig enfatiza a importância da revelação, da redenção e da criação: a redenção e a criação acolhem a revelação e é no novo pensamento que é possível uma reflexão que considere o sujeito existencial, concreto, que se sabe criado, mas que no pensamento, que se dá no tempo, sabe da presença do outro, anuncia a presença da revelação, testemunha o milagre, sinal da presença divina. O milagre é experimentado na retomada da orientação, a revelação na busca da redenção e no assombro, a certeza da criação.

## **Conclusão**

Há muito para aprofundar nas relações entre filosofia e judaísmo no pensamento de Rosenzweig. E quanto mais ampliamos o campo de pesquisa, mais encontramos relações que se alimentam da própria tensão existente entre fé e razão. A fatualidade que está presente na *Estrela da Redenção* enfatiza a importância para o pensamento do uso da palavra “e”; palavra básica de toda experiência, pois é expressão da multiplicidade que não perde a oportunidade de se reafirmar. É na relação original entre o sim e o não, a expressão de uma tensão que é a origem de tudo. A função do “e” é descrever as relações entre as experiências, revelando seu caráter múltiplo, contingente e aberto. Rosenzweig inicia sua grande obra estabelecendo

uma crítica a filosofia tradicional e, a faz, partindo da ideia que toda a filosofia se constrói a partir da negação da morte. Mas para ele, diante da morte há apenas o silêncio da falta de respostas. E é no encontro com a morte que nos é revelado o caráter insuficiente da linguagem.

Porém, nos resta a realidade caótica, organizada pela linguagem, experimentada a cada instante, em sua surpreendente e misteriosa, e proque não dizer, monótona, ocorrência de acontecimentos. Para o autor, diante da conrectude da existência, é necessário restabelecer o caráter real da pluralidade, isto é, o novo pensamento dá um caráter ontológico e epistemológico à pluralidade da experiência. O novo pensamento sabe que não pode ter conhecimento independente do tempo. O conhecimento está atado àquele exato instante e isso pode ser observado no cotidiano: um ato é um ato no presente, em uma vida que flui do nascimento até a morte.

### **Referências:**

- BATNITZKY, Leora. *How judaism became a religion: an introduction to Modern Jewish Thought*. USA: Princeton University Press, 2011.
- DASCAL, Marcelo. *Entre a filosofia e o Talmude*. WebMosaica revista do instituto cultural judaico marc chagall v.1 n.1 (jan-jun) 2009. Disponível em [Http:// seer.ufgrs.br/webmosaica](http://seer.ufgrs.br/webmosaica).
- GLATZER, Nahum N. (Ed) *The Judaic Tradition*. USA: Behrman House, 1969.
- GUARNIERI, Maria Cristina Mariante. *Angústia e Conhecimento: uma reflexão a partir dos pensadores religiosos Franz Rosenzweig, Sören Kierkegaard e Qohelet*. São Paulo: Editora Reflexão, 2011.
- HESCHEL, A.J. *Deus em busca do homem*. São Paulo: Arx, 2006.
- KIERKEGAARD, Sören. *O conceito de angústia*. Trad. João Lopes Alves Lisboa: Presença, s/d.
- NEVILLE, R. (org.). *The human condition*. New York: State University of New York Press, 2001.
- PENZO, Giorgio; GIBELLINI, Rosino (orgs.). *Deus na filosofia do século XX*. São Paulo: Loyola, 2002.
- ROSENZWEIG, Franz. *Das Büchlein vom gesunden und kraken Menschenverstands*. Frankfurt am Main: Jüdischer Verlag im Surkhamp Verlag, 1992.
- \_\_\_\_\_. *La Estrella de la Redención*. Salamanca: Ediciones Síguem, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Philosophical and Theological Writings*. Trad., edição, comentários e notas de Paul W. Franks e Michael L. Morgan. Indianapolis: Hackett Publishing Company, Inc., 2000.
- SMITH, Barbara Herrnstein. *Crença e resistência: a dinâmica da controvérsia intelectual contemporânea*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.